

O NÃO LUGAR DAS VOZES LITERÁRIAS DA AMAZÔNIA NA ESCOLA

THE NON-PLACE OF LITERARY VOICES OF AMAZON AT SCHOOL

Josebel Akel Fares

Universidade do Estado do Pará - UEPA



RESUMO

Este artigo pretende trazer as bases para a discussão sobre o lugar que as literaturas de expressão amazônica, seja oral ou escrita, ocupam no ensino formal. Parte-se do princípio de que o espaço delas é bem pequeno, quase inexistente, devido à ausência de práticas de recepção artística, neste caso, as literárias. Estudiosos da arte reclamam o diminuto espaço do poético nos fóruns de educação. O território artístico é pouquíssimo habitado pelos programas de pós-graduação em educação, pelos cursos de pedagogia. E, em geral, para se pensar a função da arte no espaço escolar ou o ensino da arte como prática educativa, o pesquisador precisa deslocar-se para lugares especiais de discussão. A incompreensão sobre os fundamentos e a importância da matéria na escola é, de certa forma, a responsável por essa situação. Neste artigo não se aborda a questão da arte de forma mais ampla, a intenção é problematizar a questão no aspecto referente às literaturas consideradas das margens, das beiras. O enfoque principal é a chamada literatura brasileira de expressão amazônica.

Palavras-chave: Amazônia; Arte; Literatura; Escola.

ABSTRACT

This article aims to provide the basis for the discussion on the place that literatures of Amazon expression, both oral and written, occupy in formal education. It is assumed that their space is very small, almost non-existent, due to the absence of artistic reception practices, in this case, the literary ones. Art scholars claim the small space of poetic in the education forums. The artistic territory is very little inhabited by the graduate programs in education, by Pedagogy undergraduate programs. And, in general, to think about the function of art in the school or the teaching of art as an educational practice, the researcher needs to move to special places of discussion. The misunderstanding about the foundations and the importance of the subject in school is somehow responsible for this situation. In this article, the issue of art is not addressed more broadly, the intention is to discuss it in the aspect relating to the literatures considered as being of the margins, of the borders. The main focus is the so-called Brazilian literature of Amazon expression.

Key-words: Amazon; Art; Literature; School.

1. Introdução

Quando se discute o mau desempenho das escolas na atualidade, costuma-se apontar como problemas fundamentais a ausência de infraestrutura para o funcionamento, falta de carteiras, material escolar, limpeza, o inchaço das turmas, segurança vulnerável, número de funcionários reduzidos, baixíssimos salários, entre outros empecilhos. Se estes fatores debilitam a performance do aluno, outro de tão grande importância é também responsável pela deficitária competência: a ausência de política coerente, competente, de formação do professor. Apesar dos diferentes programas instituídos a, pelo menos, duas décadas, o que na prática se acompanha é o decréscimo de desempenho discente e, conseqüentemente, do docente.

Este é o lugar de nos perguntarmos: como cada um de nós, educadores, está contribuindo para minorar essa situação? A discussão sobre o distanciamento entre aquilo que se ensina e o que o aluno recebe é grande. Para exemplificar, assinalo a discussão em torno da adoção pelo MEC do livro *Por uma vida melhor*, que, com objetivo de aproximar-se da realidade do aluno, traz a língua falada para discentes da Educação de Jovens e Adultos, apresenta situações que fogem à gramática normativa e sofre o preconceito linguístico das elites instituídas nos diversos campos do poder.

O texto da comunicação traz algumas reflexões não para responder a questão posta, e sim para problematizá-la no que se refere ao mundo das poéticas/ estéticas. A discussão do tema implica refletir sobre alguns fatores de ordem geral e específico. O primeiro refere-se ao ensino da literatura nos currículos, o que implica uma análise dos PCNs, e o segundo, ao lugar que os saberes literários da Amazônia ocupam no currículo das escolas da região. Examinamos as questões com base na discussão sobre as chamadas literaturas das bordas ou da margem, ou seja, pensar no cânone e o não cânone.

Mesmo considerando que o processo de mundialização dilui fronteiras entre centro e periferia, o conceito de borda ou de margem, de que me utilizo, considera o cânone da crítica e da historiografia literária brasileira. Na introdução da *Cultura das Bordas*, Ferreira (2010, p. 11, 12) explicita o conceito trazendo a ideia do periférico, do não institucionalizado, que “implica a pertença múltipla e toda a dificuldade de estabelecer limites. Pode ser um contra cânone e mais, a liberdade de assumir heterodoxias e o equilíbrio precário daquilo que pode estar nas beiras do sistema [...], fora dos sistemas centrais”. Ou ainda, “Bordas é a definição em equilíbrio, como no fio da faca”.

Neste contexto, estar à margem ou nas bordas também significa, entre outras semânticas, não ter passagem para a escola, o sistema central da educação escolar. Estamos, então, na borda com as literaturas que admitem os adjetivos infantil, oral, popular e regional, africana, indígena, feminina, de testemunho, entre muitas outras. E, muitos de nós, professores de literatura, além dos autores de livros didáticos, desconhecemos essas literaturas e por isso não temos como estabelecer diálogos intertextuais,

não podemos considerar as diferenças, as heterogeneidades culturais brasileiras. E, o mais grave, quando conhecemos não estamos preocupados em discutilas, incluí-las, valorizá-las, entronizá-las. Torcemos pelo homogêneo?

Cada uma das literaturas citadas guarda suas discussões e grupo de estudo. Aprofundo algumas questões ligadas às literaturas orais e às de expressão amazônica e a forma como a escola trabalha com elas. Este trabalho considera minha experiência como professora-pesquisadora, que, ao longo de cerca de 30 anos, discuto questões relativas à literatura de matriz oral, objeto de trabalhos defendidos no mestrado e no doutorado, e como orientadora de estudos nesta linha de pesquisa, em cursos de graduação, especialização e mestrado. Então, este texto analisa processos históricos de inserção das disciplinas das bordas em espaços instituídos, com base na memória de vivências desenvolvidas individualmente, e, especialmente, em experiências de grupos. Não consiste em um relato de experiências, todavia este é fundamental para a reflexão pretendida.

2. Desenvolvimento

2.1. Poéticas orais em sala de aula

O estudo das formas orais no campo da literatura é privilégio de um grupo pequeno de pesquisadores de Letras. O GT de Literatura Oral e Popular, na Associação de Pós Graduação em Linguística e Letras (ANPOLL), mesmo tendo um efetivo e reconhecido trabalho, com publicações livros, projetos de pesquisa, revista semestral (www.uel.br/revistas/boitata), é um dos menores em número de participantes. Todavia, textos de tradição oral e popular são frequentes, tanto nos circuitos letrados, como no cotidiano de cada um de nós, seja na forma de conto, provérbio, máxima, dito popular, trova, cordel, e etc. A propagação do oral sempre foi desta forma. E para exemplificar: vocês se lembram de como o Charles Perrault fez chegar os contos orais à corte francesa? De como ele os recolheu e os levou aos salões? Entre muitas versões do fato – isso sempre acontece quando o fato circula pela voz – conta-se que ele ouvira as histórias contadas pela ama de seu filho e para ridicularizar os círculos aristocráticos franceses teria levado o repertório vindo de uma voz dos desfavorecidos. Então, reafirmo a pergunta, apesar de a matéria fazer parte do nosso dia a dia, por que o oral chega tão pouco à escola? Por que é tão desvalorizado? E quando isso acontece, por que é apenas como fato folclórico em datas especiais?

Atribuo a falta de reconhecimento da matéria no campo das Letras a alguns fatores. Entre eles: 1) O fato de a matéria estar fora do cânone e por isso afastada dos círculos acadêmicos, seja como disciplina ou como conteúdo, e exemplifico com os cursos de graduação em Letras, que nunca a incluíram em seus currículos. A arquitetura desses conhecimentos é complexamente bem desenhada e perceber as linhas de sua construção é tão importante e difícil quanto desvendar os fios que tecem o canônico, as matérias instituídas, como a matemática, a

história, a linguística, a literatura de verniz superior. 2) Muitos profissionais da área, normalmente, como disse anteriormente, desqualificam quaisquer literaturas ditas das bordas – as de expressões regionais, as direcionadas virtualmente ao público infantil e juvenil, as africanas, as de testemunho etc., as consideram “meio-literárias” ou não literatura. – e não promovem o interesse de novas pesquisas no corpo discente. 3) O mito, a lenda e o caso, como ainda se costuma titular o repertório oral, é matéria vinda das raízes populares, ou seja, produção das classes mais pobres, muito vezes, analfabetas ou semianalfabetas, e a “literatura” sempre se aproximou do saber erudito, escolarizado, daí que essas formas orais sempre foram muito mais objeto dos antropólogos e dos folcloristas do que dos profissionais das Letras.

Assim, sem o reconhecimento da importância do estudo, o tema poderá até pertencer às conversas informais, contudo não ultrapassará este umbral. É necessário atentar que desqualificar este objeto é desconsiderá-lo como texto fundador, a origem de todos os outros, é desclassificar obras literárias como a *Ilíada*, a *Odisséia*, e a *Teogonia*, por exemplo. Negá-las é desconhecer as formalizações dos processos de construção; é desconsiderar os estudos situados entre a letra e a voz, como os da literatura medieval, estudados por Paul Zumthor. Observemos que a matéria, como já disse, abre possibilidade de estudo em outras áreas e outras abordagens se fazem para além do campo das letras.

A história das mentalidades reconstrói um passado através das literaturas de expressão popular, oral ou escrita. Pesquisadores da história oral apoiam-se em cordéis para reinventar o nordeste brasileiro; estudiosos do mundo inteiro procuram o desvelamento de novas pesquisas a partir das formas orais e populares. Robert Darnton (1986) reconstitui o Antigo Regime francês por meio do conto popular; Le Goff (1994) estuda a Idade Média através do elemento maravilhoso; Carlo Ginzburg (1987) faz do relato de um oleiro e de mitos e costumes populares objeto de suas teses. A geografia cultural³⁶ também faz traçados cartográficos, referendada pelas poéticas de tradição oral.

Na historiografia das crônicas de viagens de expedicionários estrangeiros que passaram pelo Brasil, especialmente pela Amazônia, em buscas de riquezas minerais, vegetais ou animal, é forte a presença do elemento mítico. A maioria dos relatos trata o maravilhoso como elemento da ingenuidade do nativo, todavia, ao analisar a dimensão mais profunda desses discursos, observo a presença da dúvida sobre a existência do sobrenatural, mesmo nos registros dos naturalistas, contemporâneos dos séculos das luzes, do Racionalismo. Portanto, arrisco afirmar que entender a Amazônia é também compreendê-la pelo viés mitopoético. O imaginário é uma construção humana tão objetiva quanto

³⁶ A respeito do assunto, consultar a **Coleção Geografia Cultural**, organizada pelo NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura - do Departamento de Geografia/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

qualquer outra palpável, e a cultura se constrói por manifestações materiais e imateriais, por leituras objetivas e subjetivas do mundo.

Por outro lado, defende-se que impedir a entrada do material oral ou bani-lo das salas de aula é desconhecer a realidade do Brasil. O primeiro contato da criança é com o texto oral e os países da América Latina são plenos de relatos mágicos e fantásticos, que, inclusive, os constituem culturalmente. Refiro-me, para exemplificar, à fala de Bhabha (1998), de que fundar uma nação é também narrá-la. Os relatos dos viajantes europeus, no início do processo de colonização das Américas, comprovam esta elaboração. As poéticas orais fazem parte do universo cultural dos discentes, sobretudo os moradores da zona rural do Brasil, das zonas periféricas das grandes cidades, e os que (con)viveram nesses territórios ou com seus habitantes. Trazer esta realidade para o sistema de ensino, estabelecer relações de trocas simbólicas é um dos sentidos da educação. Por isso, a discussão deve também pertencer aos cursos de Letras, ao ensino fundamental e ao médio.

Entretanto, apesar desta situação, algumas disciplinas de licenciaturas em Letras ainda fazem inserções no seu conteúdo de alguns temas ligado às *literaturas* orais e populares. Menciono alguns exemplos: as graduações em Letras da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Universidade da Amazônia (UNAMA) trazem nos seus currículos a disciplina Literatura Infantil, em que há um item relacionado à oralidade como o primeiro contato da criança com o poético, e Literatura [Brasileira] de Expressão Amazônica, em que se privilegia uma unidade sobre essas poéticas³⁷. Cursos de pós - graduação *strito sensu* em Literatura, Estudos Literários incluem hoje outras abordagens textuais, propõem estudos afins, como leituras psicanalistas, antropológicas, sociológicas das obras literárias... o que abre margem para estudos comparativos entre oralidade e escrita, entre outros. Em outros Programas, algumas linhas de pesquisa impulsionam estudos.³⁸No *lato sensu* das nossas

³⁷ Itens de Conteúdos Programáticos:

Literatura amazônica:

UEPA: Poéticas orais e populares. Gêneros populares na Amazônia. A poesia popular: cordel e trova. A prosa: contos, mitos e romances tradicionais. A dramaturgia: pássaros juninos, bois-bumbás.

UNAMA: Abrindo as trilhas: conceito e caracterização da literatura amazônica: 1.1. Literatura Amazônica existe?; 1.2. Questões relativas ao regional: regionalismo e universalidade.

Cultura amazônica: UNAMA: Dimensões artísticas da cultura amazônica. As mitopoéticas: marcas das heranças ibéricas, indígenas e africanas. Personagens e narrativas recorrentes. Gêneros literários de matriz oral: no lírico, no épico, e no dramático. As artes visuais, artes cênicas, música: marcas, manifestações, produtores nos espaços formais e informais, nas zonas urbanas e rurais da Amazônia. O brinquito de miriti e cerâmica marajoara e tapajônica. *Bois, pássaros e outros bichos* juninos. *Pastoris* e folias de santo. Carimbó, síria, lundu, e outros ritmos e danças da Amazônia.

³⁸ No PPEGD/UEPA - linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia/ Área de interesse: Identidade, Diversidade Literária e Educação na Amazônia.

universidades amazônico-paraense, temos a inserção da matéria como disciplina.

2.2. Literatura (Brasileira) de Expressão Amazônica: brevíssima história

Tento, agora, elaborar uma pequena historiografia dos estudos da literatura de expressão amazônica no Pará, a partir de um repertório cultural que envolve minha memória afetiva e profissional, e a memória de outras pessoas³⁹, que consultei durante esta escritura, e de alguns poucos documentos de época. A história começa nos anos 1970, década em que cursei a graduação em Letras e a primeira especialização, em Teoria Literária, mas não desconhece estudos anteriores como os de Eustáquio de Azevedo, Carlos Roque, Vicente Salles, por exemplo.

Li, não sei se pela primeira vez ou com mais atenção, a literatura produzida no Pará, quando ainda era estudante do curso de Letras, incentivada pelo hoje professor doutor José Guilherme Castro, então professor da disciplina Literatura Paraense⁴⁰, extinta no currículo de Letras da UFPA, no início dos anos 1990. Ali nasceu meu desejo de estudo nessa área. E esta paixão pelos estudos literários de matriz amazônica levou-nos - eu e um grupo de recém-licenciados e alunos de Letras - a fundar a Associação de Licenciados em Letras do Pará (ALLPA)⁴¹, que teve como sua maior obra promover a 1ª Semana da Literatura Paraense.

Estávamos no final dos anos 1970 (18 a 23 de junho, 1979). Professores da Universidade Federal do Pará discorriam sobre suas pesquisas, apresentavam leituras, escritores e temas relacionados à, então, chamada literatura paraense. O cômico Ápio Campos, diretor do Centro de Letras, fez a conferência de abertura sobre a Literatura Paraense, o filósofo Benedito Nunes falou sobre a obra de Max Martins e levou o poeta para uma recitação com poemas selecionados para o evento; os queridos mestres Francisco Paulo Mendes apresentou a poética de Paulo Plínio Abreu e Albeniza Chaves, a obra de Mário Faustino⁴²; o professor José Guilherme Castro trouxe o lirismo da crônica de Eneida; Maria Lúcia Medeiros leu e analisou a 1ª parte do *Nativo de Câncer*, de Ruy Barata, ainda em processo de criação; o poeta João de Jesus Paes Loureiro falou sobre a sua própria obra. No encerramento, o escritor e crítico Joaquim Inojosa, apontado como um dos precursores do movimento modernista no Nordeste, que estava em Belém a convite do Conselho Estadual de Cultura, refletiu e

³⁹ Profs. Drs. José Guilherme Castro, Paulo Nunes, Socorro Simões, e os Profs. Ms. Inácio Obadia e Josse Fares.

⁴⁰ Posteriormente, na década de 80, o professor José Arthur Bogéa, importante pesquisador da literatura de expressão amazônica, assume a disciplina.

⁴¹ Éramos, entre outros, Inácio Obadia, Ildemar Ferreira da Silva, Vânia Mendonça, Sandra Montenegro, Luíza Virgínia Oliveira, Filomena Santos, todos com idade aproximada de 25 anos.

⁴² Objeto de sua dissertação de mestrado, defendida em 1975, publicada posteriormente pela UFPA.

teorizou sobre as origens do movimento modernista no Norte. E, assim, tremendo de nervoso, realizamos uma semana de estudos, com um público de cerca de oitenta pessoas, no antigo auditório da extinta SUDAM.

O primeiro Curso de Especialização em Teoria Literária, promovido pela UFPA, em 1978, coordenado pela professora Albeniza Chaves, teve como tema de monografias a obra de escritores paraenses. Trago na memória os trabalhos de Ângela Maroja sobre Max Martins, de Maria Lúcia Medeiros sobre o *Nativo de Câncer*, já citado, de Isabel Cristina Soares sobre a metáfora da lua em Bruno de Menezes, o meu sobre a participação desse autor no movimento no Pará e a negritude no “Batuque”. Certamente, outros trabalhos devem ter sido escritos, mas foram os citados que as águas de Lethes não apagaram.

Nos anos seguintes, apesar de ainda com muita timidez, começou-se a notar alguma inserção de autores regionais em temas de trabalhos, em provas do vestibular, em citações. Em 1980, registro a celeuma causada nos meios acadêmicos e na imprensa pela proposta de inserção, no programa do vestibular, do livro de contos “Carro dos Milagres”, de Benedicto Monteiro, feita pelo representante discente no Conselho Superior de Ensino e Pesquisa (CONSEP) da UFPA, Inácio Obadia. Depois de aprovada a proposição, por esse Conselho, ela foi revogada pela COPERVES (Comissão Permanente do Vestibular), argumentando a inexistência de exemplares suficientes da obra no mercado de Belém, todavia, intelectuais, em entrevistas, alegavam uma censura política, devido à militância do escritor no Partido Comunista Brasileiro. No entanto, depois de muitas querelas, a literatura amazônica passou a fazer parte do programa do vestibular, a partir de 1981.

Anoto ainda desta época Semanas do Escritor Paraense, promovidas pela Secult, na galeria Teodoro Braga, coordenada pelos professores João Carlos Pereira, Ângela Maroja e Lenora Brito. O trabalho do Grupo lítero-musical *Mãos Dadas*, na Escola Estadual de 2º grau “Deodoro de Mendonça”, coordenado pela professora Josse Fares, que além de estudar autores, canta as músicas produzidas na Amazônia.

Nessa década, ainda publicamos – Josse Fares, Paulo Nunes, Rei Vinas e eu - o “Texto e Pretexo: experiência de educação contextualizada, a partir da literatura feita por escritores paraenses” – uma seleção de textos com sugestões de análise e atividades destinadas aos alunos de 1º grau, 5ª a 8ª séries, livro texto da disciplina Literatura Paraense, recém introduzida no currículo das escolas municipais de Belém. O trabalho foi bastante criticado pela Universidade Federal do Pará, que, mesmo sem conhecer os quatro volumes dos livros, disse não ser possível seccionar uma literatura por Estado. Contudo, não era essa a proposta, sabíamos bem. A segmentação se deu por uma estratégia de leitura dos autores da literatura amazônica e pela necessidade de contextualizar o ensino à realidade do alunado, conforme o mestre Paulo Freire nos ensinara. Por isso, escolhemos, com muito cuidado, os textos para compor o trabalho, inclusive definindo-os a

partir da escuta adolescente, a quem se destina a obra. Dez autores foram selecionados e vinte e seis mil alunos da rede municipal leram textos dos escritores de expressão amazônica, no ano da publicação (1988). Esta obra, mais tarde ampliada e editada pela CEJUP, serve de instrumento para muitos professores de literatura do ensino fundamental, médio e de 3º grau, e os poemas, excertos de textos em prosa, constante nos volumes, ainda hoje são utilizados em questões de provas dos processos seletivos de faculdades e universidades do Estado.

Para não perder o tema, dou um salto rápido para 1993, ano em que a SEDUC publicou “Do texto ao texto: Leitura, Gramática e Criação”, para a 5ª série, dentro do projeto “O Livro Didático para a Amazônia”, dos professores Josse Fares, Paulo Nunes, Maria Lúcia Medeiros, José Ildone Soeiro, Nilza Melo e Silva, Leila Gillet e de minha autoria. Este trabalho, por questões institucionais, não vimos chegar às salas de aula, e a informação que tivemos é de que os livros foram para alguns municípios escolhidos para uma experiência piloto.

De volta aos anos 1980, na pós-graduação, são defendidas dissertações de mestrado em literatura, em diferentes instituições brasileiras. O professor José Guilherme Castro sobre “O lirismo imagético de Eneida de Moraes”; Enilda Alves sobre “Três casas e um rio” de Dalcídio Jurandir; Elanir Gomes de Sousa sobre o africanismo em “Batuque” de Bruno de Menezes; Célia Bassalo sobre Paulo Plínio Abreu. Na área da linguística, assinalo os trabalhos de Rosa Assis, sobre a linguagem na obra de Dalcídio Jurandir, e o de Lourdes Maués, sobre aspectos sociais e linguísticos em “A Menina que vem de Itaiara”, de Lindanor Celina. Ressalto ainda o trabalho da profa. Olinda Batista Assmar, da Universidade Federal do Acre, sobre Dalcídio Jurandir, defendido na UFRJ.

Continuamos acompanhando o movimento acadêmico em torno da leitura de obras de expressão amazônica. Em 1990, vimos crescer o interesse por esse texto, e, contraditoriamente e lamentavelmente, a disciplina Literatura Paraense foi extinta do currículo da graduação de Letras da UFPA. É deste período, primeira metade dos anos 1990, as dissertações de Eunice Santos sobre Eneida, de Aristóteles Miranda sobre Benedito Monteiro e a de Wenceslau Alonso Jr. sobre Ruy Barata.

No final dessa década e início do século XXI, dentro e fora do Centro de Letras, avolumaram-se trabalhos na área. No âmbito acadêmico, os mestrados em Teoria Literária da UFPA, e em Estudos Literários, interinstitucional (UFPA/UFMG), repensaram a questão e no final de 1999, por uma orientação institucional (Capes), criou-se uma linha de pesquisa ligada à literatura produzida na Amazônia, o que vem até hoje pontuando e impulsionando esses estudos.

As pedras movem-se. No final do século, Júlia Maués passou a escrever sobre os Suplementos Literários da Folha do Norte, Lauro Figueira a estudar Inglês de Souza, apareceram relevantes estudos sobre Dalcídio Jurandir, como o de Zélia Amador, de Paulo Nunes, de Elizabeth Vidal, entre outros. Na área da literatura

amazônica de matriz oral, defendi dissertação sobre o universo das matintas pereras paraenses, Renilda Bastos sobre os contos de fada na Amazônia, Guilherme Fernandes analisou os encantados do nordeste do Pará, Josse Fares estudou mitos protagonizados pelas cobras; Bene Martins observou os narradores e suas performances, em Bragança.

Marli Furtado, Ernani Chaves, Gunther Presler, Artur Bogéa, Silvio Holanda, Amarílis Tupiassu, Marcus Vinícius Leite, Mauro Barreto, Paulo Nunes, entre tantos outros, escreveram ou publicaram seja em forma de artigo, ensaio, tese, dissertação, monografia, estudos de textos de cultura produzidos na e sobre a Amazônia.

Além destes trabalhos individuais, assinalo outras importantes contribuições institucionais. Segundo o professor Benedito Nunes, na abertura de um dos Fóruns de Letras da Unama, a publicação da revista Asas da Palavra é o que se tem de mais sério em termos de estudos da literatura brasileira de expressão amazônica. A revista em cada número traz estudos sobre um autor e já se analisou Eneida (duas revistas), Ruy Barata, Dalcídio Jurandir (três números), Bruno de Menezes, Max Martins, Antônio Tavernard, Haroldo Maranhão, Inglês de Sousa, Mário Faustino, Benedito Nunes. Além destes, teve números dedicados aos maestros Waldemar Henrique, Wilson Fonseca, Machado de Assis, as edições comemorativas do centenário de nascimento de Ferreira de Castro e de Carlos Drummond, IV centenário de Antônio Vieira, os 100 anos de cinema; a Belém da Memória e as Pastorinhas ou Auto de Natal.

A Universidade da Amazônia reformulou o currículo do curso de Letras em 1996 e inseriu a disciplina Literatura Amazônica. Esta disciplina vem promovendo, junto com os discentes de Letras, seminários, cursos e palestra sobre temáticas amazônicas. O Colóquio Dalcídio Jurandir, proposto e coordenado pelo curso de mestrado em Estudos Literários, da UFPA, e o curso de Letras da Unama, desvelou trabalhos significativos ao público, entre eles cito os pronunciamentos dos professores José Arthur Bogéa, Benedito Nunes, Ernani Chaves, Audemaro Taranto, Paulo Nunes, Gunther Pressler.

Para finalizar esse breve histórico, não posso deixar de registrar os insistentes trabalhos da Biblioteca Pública Artur Vianna, ao longo destas décadas, com semanas, debates, homenagens a autores de expressão amazônica, na capital e no interior. E alguns esforços despendidos nos *campi* das Universidades, como o estudo de autores regionais, nas Semanas de Letras, em Bragança, coordenados pelo professor Álvaro Luiz. Além disso, anoto importantes programações no Brasil (RJ e Bel) e em Paris, em homenagem ao Centenário do escritor Dalcídio Jurandir, considerado o maior romancista da Amazônia, no ano de 2009. Por fim, menciono as homenagens prestadas anualmente aos escritores da Amazônia, na Feira Pan - Amazônica do Livro, bem como a criação do estande do escritor paraense.

2.3. A recepção das poéticas amazônicas

Esta ação do grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas, da UEPA, é uma proposta de contribuição para mudança da situação apontada. Assim, o, então Projeto de Iniciação Científica “Literatura: recepção das poéticas amazônicas” surgiu a partir da necessidade de romper duas barreiras muito fortes na área literária. A primeira refere-se ao leitor, que desde o surgimento da crítica literária sempre foi deixado de lado, e, felizmente, começou a ser recuperado pela Estética da Recepção, que considera, conforme o nome já indica a experiência estética do receptor. O segundo entrave diz respeito ao desconhecimento e ao desprestígio da literatura de expressão amazônica, tanto em nível regional quanto em nível nacional, e a certeza da qualidade estética dessa produção feita de grandes autores e grandes obras e da necessidade de valorização.

Então, o referido programa de leitura das obras poéticas de expressão amazônica surgiu com o fim de intervir na situação de “desleitura”, estudar mecanismos para restabelecer o valor da literatura e traçar um perfil sobre como estudantes de ensino básico recebem as obras literárias amazônicas, tendo como base de análise teórica a Estética da Recepção e as teorias do discurso. As pesquisas foram realizadas inicialmente em turmas de ensino médio de Belém, contudo se experimentou em uma turma de graduação em Letras. Toda a investigação foi desenvolvida por docentes e discentes do curso de Letras, da UEPA. O trabalho privilegiou a produção literária moderna do século XX.

As concepções teóricas da Estética da Recepção assentam-se nas formas de abordagem do texto literário. Em princípio, afirmam-se diferentes momentos da crítica. Durante muito tempo, se estudou literatura a partir de crítica biográfica. Neste período, importava o que “o **autor** quis dizer” com este ou aquele texto. Posteriormente, entendia-se a interpretação da obra por ela mesma: “o **texto** quis dizer”. As análises, muitas vezes, compreendiam a literatura como um objeto a ser desvendado de forma única, cada exegeta defendia a sua leitura como a mais próxima do real, da verdade do que a obra ou o autor “quis dizer”.

O advento da modernidade literária balançou esse alicerce hermenêutico. Umberto Eco (1976, p.16), com a “Obra Aberta”, que teve seu primeiro ensaio redigido em 1958, foi o grande marco desta mudança. Assim, o próprio autor explica na introdução à edição brasileira “quando não se muda o objeto de investigação, mudam os métodos de interpretá-lo”. Instalou-se outra leitura do texto poético: a definição de “aberta”, que passou a ser dada à obra, serve para delinear uma nova dialética entre a obra e intérprete:

O autor produz uma forma acabada em si, desejando que a forma em questão seja compreendida e fruída tal como produziu; todavia, no ato de reação à teia dos estímulos e de compreensão de suas relações, cada fruidor

traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gostos, tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifica segundo uma determinada perspectiva individual (ECO, 1976, p.40).

Essas, portanto, consistem nas bases de uma nova forma de analisar o texto poético, a exegese deriva da necessidade do estudo da obra de arte, neste caso, o texto literário, pela ótica do leitor, e a relação de troca entre eles. Como conceito, a Estética da Recepção surge com Hans Robert Jauss (1967), e Wolfgang Iser (1970), apresentados inicialmente ao público brasileiro por Luiz Costa Lima (1979), em “A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção”. Outro trabalho que não se pode deixar de mencionar é “Estética da recepção e história da literatura” de Regina Zilberman (2004).

À discussão iniciada por Eco, Wolfgang Iser (em LIMA, 1979) acrescenta o leitor como um indivíduo pertencente ao mundo, portanto, não representa um pensamento individual, pois participa de uma comunidade de repertório. Ou seja, o que o leitor apreende da obra com a qual tem contato depende também da comunidade da qual ele participa e com a qual troca constantemente. Assim, o crítico cria o conceito de leitor implícito, operado por Hans Robert Jauss, que representa uma importante conquista para a estética da recepção. Essa noção de concretização se traduz em vertentes com a do horizonte implícito de expectativas, lançada pela obra, de caráter intraliterário.

Isso configuraria o efeito (*Wirkung*), predeterminado pelo texto que transmite orientações, prévias, inalteráveis sobre certo aspecto, pois a obra mantém-se a mesma para o leitor. De outro lado, temos a recepção (*Rezeption*), de cunho extra literário, condicionada pelo leitor que colabora com suas experiências pessoais para fornecer vitalidade à obra e manter com ela uma relação dialógica (ZILBERMAN, 1989, p.64-66).

A outra questão implicada na pesquisa refere-se à Literatura de Expressão Amazônica, que, assim como toda literatura, é reflexo das ações sociais, pois é fruto da cultura, e, como tal, reflete tudo aquilo que está ligado ao homem e a sociedade a qual pertence.

Como foi dito, desde 2007, o CUMA desenvolve ações referentes à recepção poética. O que hoje consiste em um Programa de Recepção de Leitura compreende projetos de iniciação científica concluídos, que tem como público prioritário alunos de Ensino Médio, e projetos de extensão que atendem professores do Ensino Fundamental e idosos e é desenvolvido por professores e alunos da graduação em Letras da UEPA.

A seguir, um resumo dos projetos baseados nos relatórios finais, conforme seu desenvolvimento:

*Literatura: recepção das poéticas amazônicas*⁴³. A experiência de leitura foi desenvolvida com estudantes de Ensino Médio e de Licenciatura em Letras da UEPA. A pesquisa implicou em um trabalho de campo, com abordagem qualitativa, desenvolvido em dois momentos. O primeiro formado por um grupo focal composto por dez alunos, da rede pública e da rede particular de ensino, e o segundo composto por vinte e cinco alunos aprovados no vestibular para o curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Pará, em 2008. A experiência de recepção ocorreu a partir de leitura de duas formas de expressão: a literária - os contos Zeus ou a menina e os óculos, Chuvas e trovoadas da escritora Maria Lúcia Medeiros e da peça “Lei é lei e está acabado” de Nazareno Tourinho - e a visual - o curta-metragem Chuvas e Trovoadas de Flavia Alfinito, baseado no conto homônimo. Nas oficinas de leitura, verificamos que os dois grupos receberam de diferentes formas os contos, o texto dramático e o curta. As variantes interpretativas indicam a capacidade dos alunos de relacionar os textos dos autores selecionados com outros textos e com a realidade vivida pelo aluno. Constatamos que a literatura de expressão amazônica é desconhecida e desprestigiada, tanto em nível regional quanto nacional. Nenhum aluno dos grupos focais havia lido ou escutado falar em Maria Lúcia Medeiros e Nazareno Tourinho. Se esta situação apresenta um lado trágico para nós, professores de literatura, de certa forma, foi benéfica ao trabalho, na medida em que tivemos a oportunidade de observar o primeiro contato entre esses textos e o leitor.

*Literatura: recepção, memória e imagens de escola*⁴⁴. As oficinas de leitura foram realizadas na Escola de Ensino Fundamental e Médio Vera Simplício (Polo de pesquisa da UEPA), em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, em duas etapas. Na primeira, leu-se para os alunos textos de autores paraenses, de temáticas ligadas à infância, à escola e aos castigos. Os textos escolhidos foram Ter, ser, e Era uma vez de Maria Lúcia Medeiros, O moleque Lua, de Paulo Nunes e um trecho do capítulo VIII do romance *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. Antes da leitura dos contos, foram apresentados autores e obras e, posteriormente, os textos foram lidos em voz alta pelos alunos-pesquisadores, com o intuito de envolver os participantes da oficina e despertar as memórias e imagens da escola que ajudaria na produção textual e nas respostas às questões sugeridas, conforme ensina as técnicas da Estética da Recepção e dos estudos da Memória, marco referencial do projeto. Na leitura de O moleque Lua, de Paulo Nunes, os alunos ficaram muito atentos e demonstraram grande empatia com o tema do texto. A segunda etapa da oficina constou da produção textual sobre suas memórias e imagens de

escola, e das respostas a algumas questões relacionadas à temática. Apesar do pouco tempo, obteve-se um bom resultado, ainda que a escola seja excessivamente quente e haver constante barulho no espaço.

*Memórias da Literatura de Cordel: recepção e ensino*⁴⁵. A experiência foi realizada em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, de uma escola da rede estadual de ensino do município de Belém, localizada na periferia da cidade. A oficina estruturou-se da seguinte forma: inicialmente foram explicados os conceitos, origens, influências, condições de produção, características e manifestações da literatura de cordel. Depois, foram apresentados três textos: *A vida de Antonio Lemos e sua obra* de Dr. Mangerona-assu (Romeu Mariz); *Lampeão-sua vida-seus crimes-sua morte* de Arinos de Belém (José Esteves); *Peleja de Armando Salles e Zé Américo* de - Zé Vicente (Lindolfo Mesquita). O ápice da oficina aconteceu com os outros dois textos - *A grandeza de Belém do Pará e o Círio de N. S. de Nazaré*, de Adalto Alcântara Monteiro, e *Chupa-Chupa*, de Cunha Neto. Os alunos leram e interpretaram, sem intervenção dos alunos-pesquisadores, para que se pudesse analisar a recepção/percepção estética dos estudantes. Finalizou-se a oficina com uma audição do grupo cordelista *Cordel do Fogo Encantado*, momento em que se escutou os cordéis musicalizados pelo conjunto (*Ai Se Sêsse e O Cordel Estradeiro*), possibilitando a percepção de outra manifestação artística da literatura de cordel, que não puramente o texto escrito, tão marcada pela cadência e ritmo dos versos do poema, característica bastante explorada durante a oficina.

*Lúcia, Lindanor e Eneida: memória, recepção e leitura*⁴⁶. A proposta é promover um processo de formação de leitores, tendo como público alvo alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Viana. A pesquisa envolveu leituras da obra de Maria Lúcia Medeiros, Lindanor Celina e Eneida, autoras do cânone da literatura de expressão amazônica do gênero narrativo: conto, crônica e romance. As três escritoras modernas trazem como temática central de suas obras a memória da cidade. O trabalho dividiu-se em duas etapas: a primeira disse respeito à pesquisa textual do objeto, envolvendo a leitura e análise da obra das escritoras e a seleção dos textos que compõem a experiência de leitura; a segunda consistiu na experiência de leitura propriamente dita, o que incluiu o desenvolvimento das sessões de leituras, a avaliação da recepção dos textos junto aos alunos.

⁴³ Recepção das poéticas amazônicas: experiência de leitura (PIBIC/ 2007). Autores José Denis de Oliveira Bezerra; Wellington Valente dos Reis. Orientadora Josebel Akel Fares.

⁴⁴ Literatura: recepção, memória e imagens de escola (PIBIC/2008/09). Autores Lylian José Félix da Silva Cabral; Angélica Lopes; Leomir Silva de Carvalho. Orientadora Josebel Akel Fares; Co-Orientador: Prof. Ms. José Denis de Oliveira Bezerra.

⁴⁵ Memórias da Literatura de Cordel: recepção e ensino (PIBIC, 2009/10). Bolsistas Rebeca Luíza Abreu Pereira; Camila da Fonsêca Aranha; Márcio Franco Barroso. Orientadora: Profª. Dr. Josebel Akel Fares. Co-Orientador: Prof. Ms. José Denis de Oliveira Bezerra.

⁴⁶ Lúcia, Lindanor e Eneida: memória, recepção e leitura (PIBIC, 2010/11). Bolsistas Marcia Daniele dos Santos Lobato. Orientadora: Profª. Dr. Josebel Akel Fares. Co-Orientador: Prof. Ms. José Denis de Oliveira Bezerra.

*Símbolos culturais na literatura amazônica*⁴⁷. A pesquisa investigou a representação de símbolos- signos textuais que denotam os ícones culturais amazônicos, mais especificamente um dos mais importantes da cidade de Belém, o mercado do Ver-O-Peso. Propôs-se, então, investigar as várias interpretações deste signo em obras artísticas da Amazônia, como a poesia, as narrativas, filmes, pinturas, etc, além de perceber a relação dialética entre imaginário e literatura amazônicas. Posteriormente, se promoveu um exercício de recepção dos textos selecionados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio D. Pedro II, em uma turma do Ensino Médio.

*Faustino, Barata e Plínio: educação e recepção da poesia amazônica*⁴⁸. A pesquisa envolveu a recepção de leituras apresentadas aos alunos da turma C41303/Ciclo4/1º ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental República de Portugal. Os textos selecionados foram dos livros “O homem e sua hora” de Mário Faustino, “Paranatinga”, de Alfredo Oliveira – que reuniu composições de Ruy Barata – e “Poesia” de Paulo Plínio Abreu, livro póstumo do poeta publicado pela Universidade Federal do Pará. Os escritores paraenses fizeram parte do período estético/literário modernista brasileiro.

*O lúdico na Literatura Infantil*⁴⁹. Atividade de extensão com objetivo de implementar ações que reflitam os conceitos de infância a partir da história da literatura infantil e de leituras de obras de autores infantis, inclusive os da Amazônia, bem como a relação entre leitura e educação em textos de matrizes orais e escritas e possibilitar a confecção de instrumentos lúdico-pedagógicos, como livros artesanais de tecidos, papel, sucatas, bonecos, entre outros. Desenvolvido no período de 2007 a 2009, atendeu professores do ensino fundamental e alunos dos cursos de licenciatura do CCSE/UEPA. As oficinas realizadas desenvolveram temas como: iniciação à leitura, produção de livros por editoras, confecção artesanal de livros e bonecos, poesia, ilustração, recursos poéticos: ritmo visual; leitura da imagem do livro infantil: projeto gráfico, diagramação e técnicas de ilustração; confecção de livros artesanais e ainda manipulação de bonecos, a fim de estimular a ludicidade do professor/aluno.

*Leitura e memória*⁵⁰. Atividade de extensão, parte das ações desenvolvidas pelo CUMA, desde 2004, no Asilo

Pão de Santo Antônio. A partir da convivência com os idosos, por meio de projetos de pesquisa e de extensão, notou-se a necessidade de um novo projeto que, além de continuar os estudos referentes à memória e à velhice, desenvolvesse um trabalho com a leitura em seu sentido amplo, tendo em vista a impossibilidade visual de grande parte dos idosos do “Pão”. Criou-se este projeto de extensão que promoveu uma integração entre estudantes, professores e idosos do “Pão” por meio da leitura, em suas mais diversas possibilidades e desdobramentos, como leitura e declamação de textos poéticos, escolhidos pelos idosos e pelos demais agentes envolvidos no projeto. A ação proporcionou aos alunos uma maior inserção no debate em torno da velhice e sua representação dentro das novas mídias e diferentes estéticas, como também a compreensão do processo de modificação do papel social do velho na sociedade industrial contemporânea e sua relação com os fenômenos do esquecimento e do silêncio.

Algumas breves palavras conclusivas

Apesar de ao final de cada tópico esboçar breves considerações conclusivas referentes ao tema tratado, importa ressaltar que a leitura de textos da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, seja oral ou escrito, é uma das formas de entendimento da região, e, neste caso, o apreender vem pelo prazer do texto, conforme discute Barthes (2000). Essa nossa literatura é constituída, em alguns de seus aspectos temáticos, por representações de lugares, entre eles o rio e a floresta, e pelo rico imaginário, ou seja, representa tudo aquilo que circunscreve tal espaço físico, simbólico e imaginário, segundo o professor Paulo Nunes (2005, p. 19). Então, reafirmo a necessidade de aproximar nossos alunos ao contexto em que vive e isto pode se dar por meio de diferentes inserções curriculares, entre elas a artística/literária.

Nas análises e nos relatos apresentados, é possível observar que a academia e algumas outras instituições educacionais e culturais já assumem posição em relação aos estudos literários de expressão amazônica. Creio ser este o primeiro passo, com professores melhor formados pelas nossas Universidades, conseguiremos alcançar os Ensinos Médio e Fundamental. Hoje, infelizmente, depois de tentativas institucionais perdidas nas Secretarias de Educação municipal e estadual, pouco consta de Amazônia nos currículos oficiais, a não ser algumas orientações evasivas por indicativo dos PCNS.

Nesse caso, quem sabe, os discursos de que essas literaturas são intrínsecas aos currículos de língua portuguesa seja um fato e elas realmente já estão nas salas de aulas de nossas escolas. Quem sabe?

⁴⁷ Símbolos culturais na literatura amazônica (PIBIC, 2010/11). Autora Olívia Carla Santos da Siva. Orientadora: Prof^ª. Dr. Josebel Akel Fares. Co-Orientador: Prof. Msc. José Denis de Oliveira Bezerra.

⁴⁸ *Faustino, Barata e Plínio: educação e recepção da poesia amazônica* (PIBIC, 2011/12). Bolsista Paloma Silva da Costa. Orientadora: Prof^ª. Dr. Josebel Akel Fares. Co-Orientador: Prof. Ms. José Denis de Oliveira Bezerra.

⁴⁹ Projeto de Extensão O lúdico na Literatura Infantil (2007/2009). Autoras: Profas. Esp. Josélia de Oliveira Fares e Ms. Vasti da Silva Araújo.

⁵⁰ Projeto de Extensão Leitura e Memória (2010). Autoras: Profas. Esp. Josélia de Oliveira Fares e Ms. Vasti da Silva Araújo. Bolsistas: Édne Wagner Ribeiro Maués, Raquel Minervino de Carvalho Bisneta.

Referências

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições Setenta, 2000.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila [et all] Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FARES, Josebel & NUNES, Paulo. *Literatura de Expressão Amazônica*. Belém: UNAMA, 2005.
- FARES, Josebel. Três margens de um mesmo rio: a escola e as literaturas de expressão amazônica, de matriz oral e a infantil In: *IX Fórum Paraense de Letras. Tema - Linguagem, escola e ensino: buscando caminhos*. Belém: Universidade da Amazônia (UNAMA), 2003.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura das Bordas: edição, comunicação, leitura*. Cotia/SP: Ateliê, 2010
- GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: cotidiano e ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Arethesis e Katharsis. In: LIMA, Luis (org.). *A Literatura e o Leitor - textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Portugal: Estampa, 1994.
- LIMA, Luis Carlos (org.). *A literatura e leitor*. Textos da Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz. A literatura medieval*. Tradução Jerusa Pires Ferreira; Amalio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Introdução à poesia Oral*. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Pochat, Maria Inês Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

Sobre a autora

Josebel Akel Fares. Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA, 1997). Possui estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). É licenciada em Letras. Professora do Curso de Licenciatura em Letras e do Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Educação da Universidade do Estado do Pará. Coordena o grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA- UEPA). Pesquisa e publica temas ligados à Cultura e à Educação na Amazônia.

Recebido em: 12.02.2013

Aceito para publicação em: 29.04.2013